

PROCEDIMENTOS DE CONTEXTUALIZAÇÃO: A CRIAÇÃO DO ESPAÇO COMUM PARTILHADO PELOS INTERLOCUTORES³²

1. A evolução do conceito de contexto

No decurso dos estudos do texto, verificou-se a evolução nos sentidos de texto e contexto, correspondente às etapas sucessivas do desenvolvimento das teorias do texto.

A primeira fase dessa evolução são as análises transfrásticas, que consideram o texto unicamente uma sequência de enunciados bem formados e concatenados entre si. Nesse período, valorizaram-se, sobretudo, a estrutura textual (as partes do texto), os elementos que retomam o já mencionado (correferência ou anáfora) e a conexão entre as frases e as partes do texto (sequenciação). Outros temas recorrentes nos trabalhos dessas que são o emprego dos artigos definidos e indefinidos (correspondente ao binômio dado/novo) e a correlação dos tempos verbais.

Nessa primeira fase, adotava-se para o estudo do texto, o método ascendente (da frase para o texto) e o texto ainda não é considerado uma unidade dotada de sentido. Por esse motivo, a noção de contexto é limitada, e corresponde àquilo que posteriormente foi designada por *cotexto*, ou seja, a série de enunciados anteriores ou posteriores em relação a um enunciado ou a um dado termo.

A segunda fase da trajetória dos estudos do texto consiste nas gramáticas do texto, desenvolvidas principalmente (mas não exclusivamente) por autores de formação gerativa. Esses autores consideravam o texto uma unidade superior a sentença e, assim, tinham por objetivo construir gramáticas textuais paralelas às gramáticas da frase, a partir de uma estrutura de base e regras de transformação.

O pressuposto básico das gramáticas de texto é o fato de que os falantes de uma dada língua possuem uma competência textual análoga à

³² Fonte: <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/min_ofic/011.pdf>

competência frasal estabelecida por Chomsky. Essa competência permitiria ao falante: a) diferenciar entre textos e simples sequências de enunciados; b) distinguir textos completos e textos incompletos; c) efetuar operações variadas em relação aos textos: resumo, paráfrase, atribuição de um título.

Outro postulado das gramáticas de texto é a consideração de que o texto constitui o signo linguístico primário e é uma entidade autônoma e a unidade hierarquicamente mais elevada. Com base nessas considerações, abandonou-se o método ascendente (da frase para o texto), e passou-se a tratar as partes do texto como signos primários. E se o texto é a unidade mais elevada, a segmentação e a classificação das partes só poderá ser efetuada em função da unidade maior. Cabe lembrar, a esse respeito, que o texto constitui uma unidade significativa em si, e não uma cadeia de elementos significativos justapostos.

No segundo momento dessa trajetória, o texto é definido como a estrutura mais elevada e possui uma macroestrutura temático-semântica global. Essa macroestrutura abrange o componente semântico, o uso, as interpretações extensionais do mundo e a inserção do texto no contexto. Nesse caso, pode-se admitir que o contexto flui do próprio texto, que é inserido numa dada situação comunicativa. Para as gramáticas de texto, o contexto consiste na situação imediata de comunicação.

Depois de os estudiosos terem-se dedicado à elaboração de um modelo gerativo do texto, ocorreu um novo movimento, que foi denominado por Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2004, p. 133) a *virada pragmática*. Nesse momento, o foco passou a ser o uso da língua em situações específicas e, a partir dele, o estudo das conexões entre o texto e o contexto comunicativo e situacional. Nesse estudo, o ponto de partida é sempre o texto, encarado como processo comunicativo central, e elemento básico do jogo de atuação comunicativa.

Segundo a perspectiva pragmática, a língua deixa de ser considerada um sistema autônomo de signos denotativos, mas uma forma de ação e atuação sobre o outro. As ações verbais são finalisticamente orientadas e originam-se a partir de um plano ou estratégia de ação, de modo que o texto passa a abranger, ao lado do componente sintático-semântico, os fatores pragmáticos e contextuais.

A *incorporação* dos fatores pragmáticos e contextuais trouxe, por tabela, uma nova orientação nos estudos do texto, abordagem procedimental. Segundo essa orientação, toda ação resulta de processos cognitivos,

pois quem age (mesmo que se trate de uma ação elementar) sempre parte de modelos mentais de operações e de seus tipos. No caso da produção textual (atividade cognitiva complexa), ocorre a ativação simultânea de múltiplos saberes representados na memória e que necessitam ser ativados para que a operação seja bem-sucedida. Wolfgang Heinemann e Dieter Viehweger (1991) mencionam quatro sistemas que contribuem para o processamento textual: o linguístico (léxico e gramatical), o enciclopédico (conhecimento de mundo), o sociointeracional (a língua como forma de ação), o textual (acerca de estruturas ou modelos textuais). Essas esferas de conhecimento atuam conjuntamente e conciliam as características dos usuários da língua e o respectivo conhecimento do mundo com as normas de atuação social e as características dos tipos e gêneros textuais.

Foi exatamente a preocupação com a atividade que encaminhou os pesquisadores à etapa mais recente do desenvolvimento dos estudos do texto: a perspectiva sociointeracionista e cognitiva. Nessa nova vertente, rompe-se a barreira entre os fenômenos internos à mente e aqueles a ela externas, numa visão extensional que coloca em pé de igualdade os processos cognitivos que acontecem nos indivíduos e aqueles que ocorrem no mundo e na sociedade, sempre em face de outros seres humanos. Aliás, nenhuma ação (nem mesmo as mais elementares) constitui ações isoladas, pois todas elas resultam da interação das várias ações.

A cognição passa a ser considerada um fenômeno situado e atividade linguística (considerada a partir da perspectiva interacional) constitui uma forma de realizar ações conjuntas e compartilhar conhecimentos. Essas ações, mais que ações individuais de sujeitos autônomos, “são ações conjuntas, já que usar a linguagem é sempre engajar-se em alguma ação em que ela é o próprio lugar em que a ação acontece necessariamente em coordenação com os outros”. (KOCH, 2004, p. 31)

Nessa fase da trajetória dos estudos do texto, ampliam-se as noções de texto e contexto. O texto é visto como um processo dinâmico de atuação sobre o outro e criação de sentidos, e em sua [do texto] elaboração convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. Acompanhando o alargamento do sentido do texto, o contexto passa ser considerado o entorno sócio-histórico-cultural partilhado (ainda que parcialmente) pelos membros de uma dada comunidade. O contexto é também a própria interação na qual os sujeitos históricos e sociais estão engajados.

Veja-se o esquema a seguir:

	Texto	Contexto
--	-------	----------

1. Análises transfrásticas.	1. Série de enunciados bem formados e ligados entre si.	1. Cotexto: série de enunciados anteriores ou posteriores a uma dada palavra ou frase.
2. Gramáticas de texto.	2. Unidade linguística mais elevada, dotada de sentido e gerada a partir da competência do falante.	2. Situação enunciativa.
3. Linguística textual/teorias do texto.	3. Processo dinâmico de atuação sobre o outro, resultante de ações linguísticas, cognitivas e sociais.	3. Entorno histórico-social comum aos membros de uma comunidade; a própria interação.

2. *Procedimentos de contextualização*

São explicitados a seguir os procedimentos mais frequentes de contextualização, para que se compreenda como ocorre a formação do contexto comum partilhado pelos interlocutores.

2.1. **Contextualização associada à introdução dos textos**

Em alguns casos, verifica-se que o autor revela a preocupação em situar o assunto já no início do texto. Esse procedimento tem a finalidade de conduzir o leitor ao assunto tratado e apresentar o modo como ele [o assunto] será considerado. Esse procedimento pode assumir várias feições:

2.1.1. *Apresentação de acontecimentos atuais ou passados, para situar o assunto tratado*

Neste texto, o primeiro parágrafo introduz o assunto (a inadimplência da Argentina), por meio de alusões às crises anteriores e à situação atual. O leitor, assim, pode compreender a dificuldade em efetuar o pagamento, por causa da existência de credores internacionais que não aderiram à renegociação. Essa é a informação inicial, à qual se somam outras informações a respeito do processo judicial que está a travar a solução do problema. Trata-se, pois, de uma ancoragem absolutamente necessária à compreensão do assunto da matéria.

Ex. (01):

Rumo ao Calote:

Sem acordo com credores, a Argentina está a um passo da oitava moratória internacional de sua longa história de calotes. Quem sofre mais, como sempre, é o povo pobre.

O plano argentino de retornar ao mercado internacional de crédito está prestes a naufragar. Nesta quarta-feira, 30, vence o prazo já prorrogado para o pagamento de uma parcela de sua dívida com credores que aceitaram os termos da renegociação de 2005 e 2010 – ainda uma herança da crise de 2001, quando o país, mergulhado no caos financeiro, chegou a ser governado por cinco presidentes num espaço de duas semanas. Se não pagar o devido, a Argentina dará mais um calote, o oitavo de sua história. Não que o governo de Cristina Kirchner, desta vez, não tenha dinheiro (ainda que ele esteja contado): está impossibilitado de fazer o pagamento, a não ser que consiga um acordo com os credores que não aderiram à renegociação, segundo ordenou o juiz americano Thomas Griesa.

A imensa maioria dos credores argentinos (93%) aceitou os termos da renegociação, o que representou uma perda superior a 70% nos valores originais. Outros investidores, entretanto, decidiram recorrer à Justiça americana para reaver os valores integrais. Depois de anos de disputa, o processo movido por fundos de investidores chegou a um desfecho no mês passado. De acordo com Griesa, a Argentina deve pagar os valores na íntegra, sem o desconto acertado na renegociação. Os vitoriosos são fundos especializados em comprar papéis extremamente desvalorizados, na bacia das almas, com a estratégia de faturar alto mais adiante. São os chamados “fundos abutres”. É o caso do NML Capital, do bilionário investidor americano Paul Singer.

(Veja, 30/7/14)

Veja-se também o texto a seguir:

Ex. (02):

O bom e o mau humor:

Quando tudo ia bem na Copa e com a seleção, Dilma capitalizou o momento a favor – e deu certo. Agora ela tenta se isolar do azedume geral provocado pelos 7 a 1 no Mineirão. Vai dar certo?

Foi a maior goleada registrada em uma semifinal em vinte edições de Copa do Mundo. Foi a maior derrota sofrida pela seleção brasileira, a única pentacampeã mundial, em seus 100 anos de história. Fora de campo, foi o mais duro golpe no plano de Dilma Rousseff de transformar a competição numa importante bandeira da campanha à reeleição. Com a divulgação de dados negativos na economia, como a previsão de nova goleada da inflação (6% ao ano) sobre o crescimento econômico (1% ao ano), a presidente apostava na satisfação com a Copa e no sucesso do Brasil no torneio para neutralizar o clima de mau humor reinante na população e crescer nas pesquisas de intenção de voto. Durante três semanas, esse plano deu certo. A aprovação à organização do evento e à mandatária subiu, assim como o otimismo no Palácio do Planalto. Assessores presidenciais já vislumbravam Dilma, no Maracanã, entregando o troféu do hexa ao capitão Thiago Silva. Seria o prenúncio da coroação nas urnas. Faltou combinar com os alemães. Ao vencer por 7 a 1, eles impuseram uma sensação de ressaca aos brasileiros, reduziram a euforia com a Copa e atrapalharam o projeto

de poder do PT, revertendo uma sonhada perspectiva de lucro num temor real de prejuízo eleitoral.

Encomendada pelo governo, uma pesquisa telefônica realizada nas 24 horas seguintes à eliminação do Brasil dá uma ideia do potencial de dano na popularidade de Dilma. O número de entrevistados que concordam que o Brasil “sabe organizar um evento” ou “é um país importante para o mundo” caiu 7 pontos percentuais. Ou seja, cada gol marcado por Muller, Kroos e companhia reduziu em 1 ponto porcentual a avaliação positiva que beneficiava o governo. A queda foi um pouco mais acentuada quando os entrevistados responderam sobre o “orgulho de ser brasileiro” e se esta é “a mais alegre das Copas”. Nesses casos, a redução foi de 8 e 9 pontos, respectivamente. “Embora a Copa não tenha terminado, creio que o resultado respingará, sim, na presidente. Seu envolvimento com a seleção foi um exagero de marketing. Dilma tem um perfil burocrata, nunca se mostrou interessada em futebol”, diz o filósofo Roberto Romano. “Associar sua imagem à Copa foi algo nitidamente feito com objetivo eleitoral. Quanto ao PT, o partido imaginava que o hexa acobertaria os problemas na economia, mas não considerou que alegrias como essa são um analgésico de curta duração”, acrescenta.

(Veja, 16/7/14)

No texto anterior, associa-se a contundente vitória alemã sobre a seleção brasileira a alguns dados negativos na esfera econômica à queda na popularidade da “presidenta” Dilma. É uma forma eficaz de introduzir os dados, uma vez que a matéria foi publicada logo após o encerramento da Copa. Além disso, a alusão a dados negativos também contribui para criar a atmosfera que anuncia um segundo semestre pouco alvissareiro.

2.1.2. Menção a exemplos

Ex. (03):

No exemplo a seguir, empregam-se dois exemplos para introduzir a força do futebol alemão e o surgimento do novo nacionalismo alemão:

No quente verão da capital alemã, oitenta crianças entre 9 e 13 anos aproveitam as férias escolares para jogar futebol. Passam sete horas por dia com a bola em aulas de passe, drible e chute a gol. A atividade, que acontece em uma pequena escolinha de futebol, tem lista de espera e é apoiada pela Associação Alemã de Futebol (DFB, na sigla em alemão), o equivalente à Confederação Brasileira de Futebol. “No passado, os meninos que treinavam aqui vestiam o uniforme da seleção brasileira e o de times espanhóis e ingleses. Agora, a maioria usa camisas da seleção nacional e das equipes locais”, diz o treinador Adrian Schedlinski. Em Munique, a 585 quilômetros da capital, outro grupo de meninos não se intimida com a chuva torrencial do fim da tarde no centro de treinamento do Bayern, o atual campeão do mundo. Cumpram com afinco todas as ordens do treinador ao longo de duas horas. “Não cancelamos aulas por causa do mau tempo, e o comprometimento deles é sempre total”, diz o treinador alemão Heiko Vogel. As cenas captadas pela reportagem de VEJA mostram com

clareza aquilo que o mundo constatou nos jogos da última Copa do Mundo: a Alemanha é o novo país do futebol. O epíteto que antes era automaticamente associado ao Brasil por sua fatura de craques e de títulos mundiais mudou de dono. As seguidas vitórias que os alemães obtiveram nos estádios brasileiros têm ao menos duas explicações. A primeira é o elevado investimento no treinamento de crianças e jovens nos últimos catorze anos. A segunda está na transferência, que ocorreu de forma natural, das melhores qualidades da nação para dentro dos campos. Os jovens alemães são tão ou mais eficientes que seus pais, mas já não padecem daquela inação provocada pelo sentimento de culpa decorrente dos crimes cometidos nas duas grandes guerras do passado. São orgulhosos de seu país, que exporta bens de alta tecnologia e também um modelo de democracia rica e bem-sucedida, baseada em uma sociedade diversificada que valoriza o interesse coletivo.

É uma relação de ida e volta. Da mesma maneira que o país investiu no futebol, o esporte também deu sua contribuição. Nas últimas semanas, a bandeira com as listras preta, vermelha e amarela voltou a ser hasteada em carros e janelas. Para muitas crianças, a imagem está mais associada ao futebol do que ao país. Tais demonstrações não eram frequentes até bem pouco tempo atrás. “Havia a preocupação de que qualquer sinal de patriotismo poderia representar uma volta ao chauvinismo do III Reich. Isso não existe mais”, diz o historiador Arnd Bauerkämper, da Universidade Livre de Berlim. Quando a ameaça parece voltar à tona, é mais pela dor de cotovelo daqueles que não conseguem obter as mesmas conquistas. Não há como acusar os alemães de ignorarem ou esconderem seu passado. “Desde o início dos anos 1970, a história é um tema central no currículo de todas as escolas. Há um material didático de alta qualidade, que facilita a construção de uma consciência nos alunos”, diz o especialista em estudos alemães Rudiger Görner, professor da Universidade de Londres.

(*Veja*, 30/7/14)

O autor do texto parte do exemplo de duas escolas de futebol, uma em Berlim, outra em Munique, para mostrar como a Alemanha se tornou o país do futebol. Além disso, esses exemplos também permitem compreender como surgiu o novo nacionalismo alemão, que já não se confunde com o chauvinismo dos tempos passados. O futebol acaba sendo, pois, o ponto de encontro dos alemães e o reconhecimento da própria identidade.

2.1.3. *Alusão ao intertexto*

No exemplo a seguir, a intertextualidade é representada por algumas frases atribuídas ao jogador alemão Podolski:

“Coração verde-amarelo”, “Tamo junto”, “Carioca de coração”, “Brasil, te amo”, “Rio é frenético”, “Tudo nosso”. Foi assim, entre gírias e declarações de amor, que Lukas Podolski ganhou os brasileiros – além, claro, da Copa do Mundo. Apesar de carregar o número 10 nas costas – camisa de craque –, Podolski, de 29 anos, atuou pouco nos gramados brasileiros. Foram apenas 56 minutos em campo, em duas partidas da primeira fase, e nenhum gol. Se fosse pelo futebol, Podolski teria passado despercebido. Ele venceu a disputa de alemão preferido pela torcida brasileira com seu carisma, constantemente exibido em redes sociais.

Antes do início da Copa, dos 23 selecionados pelo técnico Joachim Löw, o atacante Podolski, ou apenas Poldi, era o segundo jogador com mais atuações pela seleção alemã. Com 114 partidas, ficava atrás apenas de Miroslav Klose, agora maior artilheiro da história dos Mundiais com 16 gols. Klose defendera a Alemanha 132 vezes. Podolski já era uma espécie de patrimônio do futebol alemão. Durante seus 36 dias no Brasil, tornou-se patrimônio brasileiro. Vestiu a camisa do Flamengo, exaltou Ronaldo e Ronaldinho, ficou “abismado” com a vista do hotel no Rio de Janeiro e abusou de recados em português.

(*Época*, 21/7/14)

As frases atribuídas a Podolski introduzem o assunto do texto a áurea de simpatia criada pelo jogador. Essas expressões também reforçam a própria imagem do jogador e a receptividade junto ao povo brasileiro. Além disso, o fato de partir de citações das frases de Podolski torna o texto mais dinâmico e enfatiza a imagem positiva do jogador, que não economizou elogios ao povo brasileiro.

3. *Comentários conclusivos*

Os exemplos citados mostram que a contextualização do que é tratado no texto é essencial para a criação do espaço comum partilhado pelos interlocutores e a atribuição de relevância às informações veiculadas. Trata-se, pois, de uma atitude deliberada pelo autor, para que ao leitor seja dado engajar-se na (re)criação dos sentidos textuais e tornar-se efetivamente interlocutor do texto.